



VIAGENS NO CONTEMPORÂNEO – PÓS-COLONIALISMO, COSMOPOLITISMO E PROGRAMAÇÃO¹

*JOURNEYS IN THE CONTEMPORARY – POST-COLONIALISM,
COSMOPOLITANISM, AND CULTURAL PROGRAMMING*

*VIAJES EN LO CONTEMPORÁNEO – POSTCOLONIALISMO,
COSMOPOLITISMO Y PROGRAMACIÓN*

Margarida Calafate Ribeiro²

RESUMO:

Neste artigo é realizada uma leitura crítica da receção e do desenvolvimento do pós-colonialismo em Portugal, na sua vertente académica, artística e na programação cultural. É realizada uma análise detalhada do Programa *Próximo Futuro* da Fundação Calouste Gulbenkian, decisivo para a ampliação do cânone do pós-colonial em Portugal e na Europa.

PALAVRAS-CHAVE: Portugal; Pós-colonialismo; programação cultural; cosmopolitismo

ABSTRACT:

This article presents a critical analysis of the reception and development of post-colonialism in Portugal in its academic, artistic, and cultural programming aspects. This critical analysis is achieved through the detailed evaluation of the Calouste Gulbenkian Foundation's Próximo Futuro Program, decisive for the expansion of the post-colonial canon in Portugal and Europe.

KEYWORDS: Portugal, Post-colonialism, cultural programming, cosmopolitanism.

RESUMEN:

Este artículo efectúa una lectura crítica de la recepción y del desarrollo del postcolonialismo en Portugal, en sus aspectos académicos, artísticos y en la programación cultural. Se realiza un análisis detallado del Programa Próximo Futuro, de la Fundación Calouste Gulbenkian, decisivo para la ampliación del canon de los estudios postcoloniales en Portugal y en Europa

PALABRAS CLAVE: Portugal, postcolonialismo, programación cultural, cosmopolitismo.

1 Este artigo resulta do trabalho desenvolvido pelo projeto *MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-memórias Europeias*, financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação (ERC) no quadro do Horizonte 2020, programa para a investigação e inovação da União Europeia (contrato n.º 648624).

2 Margarida Calafate Ribeiro é doutorada em Estudos Portugueses pelo King's College, Universidade de Londres (2001). É investigadora coordenadora no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (desde 2004) e professora no programa de doutoramento Patrimónios de Influência Portuguesa (III/CES) da Universidade de Coimbra (desde 2010). Com Roberto Vecchi é responsável pela “Cátedra Eduardo Lourenço”, Camões / Universidade de Bolonha. Em 2015 recebeu uma bolsa Consolidator Grant do Conselho Europeu de Investigação (ERC), com o projeto de investigação «MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias», que coordena no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É autora, co-autora e organizadora de vários livros, capítulos de livros e artigos. E-mail: margaridascr@gmail.com



Nos últimos anos, uma série de acontecimentos e controvérsias trouxeram para a Europa e para Portugal o impropriamente chamado “regresso do passado colonial”, mais ou menos silenciado desde os tempos das descolonizações, com todos os movimentos populacionais do chamado retorno, de colonos, funcionários, militares das antigas colónias africanas em pleno período revolucionário de 1974-75. Era o fim de uma era para Portugal, o princípio de outra. À parte os romances que retratavam a realidade do que tinha sido a Guerra Colonial, o silêncio foi a marca dos anos 80 e 90 do século passado, relativamente a este passado recente português.

Hoje, o que vemos na verdade não é o regresso do passado colonial, mas o início do debate entre esse tempo marcado pela dominação colonial e as relações sociais contemporâneas em sociedades herdeiras desses passados coloniais na Europa. Sejam debates sobre a continuidade de um olhar colonial europeu, sobre o reconhecimento público da memória da escravatura e do colonialismo, sobre a discriminação étnico-racial, sobre o lugar da religião, do Islão na Europa em particular e dos contornos do secularismo, ou sobre o drama dos refugiados no Mediterrâneo, é sempre o peso da história colonial portuguesa e europeia que é questionado, medido, aferido. Protagonizados pelas gerações seguintes, ou seja, pelos herdeiros desse passado colonial europeu, a maioria das vezes sem memória própria desse tempo que já não viveram, estes são os debates e são eles que hoje tomam a palavra.

Estes herdeiros são os filhos dos anos 90 em que Portugal exibia para si e para o mundo a Exposição Internacional de Lisboa, que decorreu em Lisboa de 22 de Maio a 30 de Setembro de 1998, e que foi responsável pela reurbanização e recuperação total da parte oriental de Lisboa, hoje um bairro de classe média, serviços e entretenimento cuja toponímia recorda os grandes navegadores e as terras de além-mar. Com a sua mitologia universalista – baseada na riqueza dos oceanos – ancorada na aventura marítima portuguesa, e com um enorme impacto pela dimensão, meios envolvidos, cosmopolitismo e programação, a Expo 98 inaugura em Lisboa uma nova época de programação e das comemorações lideradas pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, como fica visível no lema que lançou a própria Expo 98, “os oceanos – uma herança para o futuro”. Como hoje podemos ver, estes foram os momentos iniciais do pós-colonialismo português, momentos em que como portugueses, nos confrontamos com a incapacidade de transformar a narrativa com que tínhamos efetivamente marcado a história do mundo, e nos deixamos surpreender pela reação dos países anteriormente colonizados por Portugal a estas propostas comemorativas.

O Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde ou Goa não aderiram entusiasticamente às comemorações dos “Descobrimentos”, iniciadas em 1998 com a celebração da descoberta do caminho marítimo para a Índia, desenvolvidas pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Como recordamos, no momento em que Portugal, e com ele o Ocidente, quis comemorar a chegada dos portugueses à Índia, celebrada por Luís de Camões em *Os Lusíadas*, os indianos mostraram

outras fontes historiográficas – lembremos, por exemplo, o incómodo que causou o livro de Sanjay Subrahmanyam, *The Career and Legend of Vasco da Gama* (1997) – e as outras visões dessa chegada. Portugal quis também comemorar as chegadas ao longo da costa africana e não havia muito a comemorar; quis comemorar Pedro Álvares Cabral e Colombo e os cinco séculos da sua descoberta da América e, como bem viu Eduardo Lourenço, a América quis “matar Colombo”, não apenas pela mão daqueles que a chegada de Colombo exterminou, mas também por aqueles que a aventura de Colombo trasladou de África para a América e da Europa para o Novo Mundo (LOURENÇO, 2014, p. 337). Como advertiu o ensaísta em “A morte de Colombo”, não se tratava do fim da História, mas de uma mudança da ordem da História, e do fim do Ocidente como mito, ou seja, como a luz do mundo que julgava ser quando chegou às terras de Porto Seguro, no Brasil (LOURENÇO, 2005, p. 16)³. Tratava-se da emergência de outras narrativas protagonizadas e vocalizadas por outros sujeitos etno-culturais, senhores de outros arquivos e outras memórias de uma história aparentemente comum, como deixou claro o líder indígena Ailton Krenak, quando foi convidado para participar nestas comemorações em Portugal: “Essa é uma típica festa portuguesa, vocês vão celebrar a invasão do meu canto do mundo. Não vou, não.” (KRENAK, 2019, p. 9-10). Para os portugueses, este era o início do momento de “re-des-cobrir” o que esses “Descobrimientos”, univocamente pronunciados e celebrados, tinham deixado encoberto.

E é assim que em Portugal, o país que, no furor do momento revolucionário, saído de 25 de Abril de 1974, tinha renomeado o chamado “Bairro das Colónias”, em Lisboa, com os nomes dos países recentemente independentes e dos seus líderes – no que Marc Augé chamou de aceleração da história (AUGÉ, 1994, p. 31)⁴ – se deixa ir ao ritmo possível do espanto e do choque historiográfico e narrativo e celebra a Expo 98, num modelo fortemente inspirado, do ponto de vista da sua conceção, na Exposição Universal de Sevilha, 1992. Mas, apesar da narrativa em que a Expo 98 celebra a mudança que as viagens portuguesas trouxeram ao mundo e à Europa, apesar da sua escala de inovação e dinâmica, a Expo 98 assinala também a crise narrativa que o nosso tempo pós-colonial trazia já em si e que se tornaria sucessivamente visível em Portugal e na Europa. Perturbadoramente, na Expo 98, Ângela Ferreira, uma artista nascida em Moçambique e pioneira na problematização da questão colonial e das suas heranças, inscrevia na calçada portuguesa da Expo 98 o título da sua obra “Kanimambo” que, em changana, língua do sul de Moçambique, significa “obrigada”, assinalando assim, e com o “estaleiro-instalação” que a obra evoca, um agradecimento a quem construiu esta a Exposição a partir de baixo: os muitos trabalhadores africanos, que com os seus corpos, as suas culturas, as suas músicas trouxeram à Expo 98 e a Lisboa um cosmopolitismo diferenciado, mas invisível

3 É importante aqui assinalar que em 1992 a Exposição Universal de Sevilha visava comemorar o quinto centenário da viagem de Colombo, sob o tema geral de “Descubrimientos”.

4 O curto espaço de tempo que configura o 25 de Abril e os acontecimentos maiores a ele associados, o fim da ditadura, o fim da Guerra Colonial, o processo de descolonização espelha o que Marc Augé classifica de “superabundância factual” (1994, p. 31) configurando momentos de aceleração da história.

para as Comemorações dos Descobrimentos.

Imagem 1 - Kanimambo | 1998 | Ângela Ferreira (cortesia da artista)



A Comissão continuou o seu trabalho, com exposições marcantes, a publicação de obras fundamentais há muito esgotadas e o estímulo à publicação de obras inovadoras como os cinco volumes da *História da Expansão Portuguesa*, organizada por Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, que dava início a uma revolução na historiografia portuguesa relativa à expansão, à colonização e à descolonização ao encetar uma reflexão sobre as memórias do império e a sua integração na história europeia. Simultaneamente, começavam a surgir algumas pioneiras emissões televisivas e publicações jornalísticas que traziam o tema da Guerra Colonial, na Assembleia da República aprovava-se o estatuto do ex-combatente portador de stress pós-traumático⁵. Nas universidades portuguesas assistíamos à consolidação dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa, não apenas numa perspetiva localizada na sua vertente anti-colonialista e de combate, mas enquanto sistemas literários autónomos e na sua dimensão relacional com as literaturas portuguesa e brasileira e com as literaturas do continente⁶. Ao mesmo tempo, Portugal desenvolvia o programa educativo “Entre Culturas”, que criara o Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, cujo preâmbulo recuperava, de forma espantosa, toda a retórica do encontro propagada pelo Estado Novo e pelo lusotropicalismo⁷.

5 Lei n.º 46/1999. DR 136 SÉRIE I-A de 1999-06-16, Assembleia da República: Atualiza a lei 43/76 que define o estatuto de Deficiente das Forças Armadas e apoia as vítimas de stress pós-traumático de guerra.

6 Assinale-se neste aspeto o trabalho pioneiro dos professores Salvato Trigo, Pires Laranjeira, Ana Mafalda Leite, Inocência Mata, Ana Maria Martinho entre outros na consolidação desta área de estudos nas universidades portuguesas. Haveria claramente aqui a apontar ainda o nome de muitos colegas brasileiros – Maria Aparecida Santilli, Benjamin Abdala Jr., Laura Cavalcante Padilha, Rita Chaves, Tania Macêdo, Maria Nazareth Soares da Fonseca, Carmen Lucia Tindó Secco – angolanos, moçambicanos, cabo verdianos, são-tomenses, guineenses e estrangeiros que nas suas universidades desenvolveram o campo e tanto contribuíram para a afirmação destas literaturas no mundo.

7 Ministério da Educação, Despacho Normativo, *Diário da República* n.º 60/1991, Série I-B de 1991-03-13 de que citamos um excerto significativo: “A cultura portuguesa, marcada por um universalismo procurado e consciente e pelos múltiplos

Nos anos 90 começam a surgir os primeiros livros a abordar de forma ficcional as dores e os fantasmas da questão africana para além das memórias da Guerra Colonial, de que poderia destacar, sem dúvida, o pioneiro *Partes de África*, de Helder Macedo, de 1991, e *O Esplendor de Portugal*, de António Lobo Antunes, de 1997. No início do milénio, os primeiros estudos académicos começam a tratar a questão pós-colonial portuguesa: as reflexões matriciais de Eduardo Lourenço sobre Portugal e a Europa⁸ e sobre Portugal e o seu império foram sendo dispersamente publicadas e estão hoje reunidas em *O Colonialismo Como o Nosso Impensado*. Em 1990, Boaventura de Sousa Santos, dialogando com Eduardo Lourenço e a partir da sua reflexão sobre a condição semi-periférica de Portugal posteriormente desenvolvida em *Pela Mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade* (1994), publica “As Onze Teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal” e, mais tarde, o importante texto “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade” (2002), que despoletou novas reflexões nas diversas áreas dos estudos pós-coloniais. Pela mesma época, em 2003, eu própria e Ana Paula Ferreira organizámos o volume de ensaios *Fantasmagorias e Fantasias Imperiais no Imaginário Português Contemporâneo*, que constituiu uma primeira reflexão interdisciplinar sobre as sobrevivências do império no Portugal contemporâneo. No estrangeiro, no âmbito dos Estudos Portugueses, surgem as reflexões pioneiras de Roberto Vecchi, Paulo de Medeiros, Ana Paula Ferreira, Ellen Sapega, Hilary Owen, Abdoolkarim Vakil, Phillip Rothwell, Patrick Chabal, entre outros; e, em Portugal assinalem-se as reflexões de Inocência Mata, Maria Paula Meneses, Miguel Vale de Almeida, Cristiana Bastos e Manuela Ribeiro Sanches, assim como os trabalhos de investigação e de formação avançadas pioneiros do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, com a criação do primeiro programa de doutoramento na área “Pós-Colonialismo e Cidadania Global” (2004), do trabalho do CHAM – Centro de Humanidades, da Universidade Nova de Lisboa e do Instituto de História Contemporânea da mesma universidade.

Na cena musical, essencialmente lisboeta, começam a ouvir-se outras vozes e outros ritmos; Rogério de Carvalho afirmava-se como encenador português negro; começamos a ter acesso aos filmes africanos produzidos em português; Ângela Ferreira e Ana Vidigal⁹

encontros civilizacionais que, ao longo dos séculos, têm permitido o acolhimento do diverso, a compreensão do outro diferente, o universal abraço do particular, é uma cultura aberta e mestiçada, enriquecida pela deambulação de um povo empenhado na procura além-fronteiras da sua dimensão integral. Portugal orgulha-se, hoje, de ser o produto errático de uma alquimia misteriosa de fusão humana que encontrou no mar, mistério a descobrir e a aproximar, o seu solvente ideal e o seu caminho de aventura. Cumprida uma fascinante peregrinação de séculos, Portugal retorna ao seio do continente europeu e integra-se no seu espaço cultural de origem, contribuindo, com a mundividência que o caracteriza, para a efectiva construção de uma Europa aberta, solidária e ecuménica.”

8 A reflexão de Eduardo Lourenço é fundamental no “repensar” Portugal e a Europa pós império e tem início logo após o 25 de Abril de 1974, como se pode ver na bibliografia.

9 Ângela Ferreira, *Casa Maputo: Um Retrato Íntimo*, Museu de Serralves, Porto (1999); (1990); a instalação *Penélope*, Ana

apresentavam obras pioneiras sobre o nosso passado colonial que deixaram a crítica mais ou menos muda. Eram obras ainda “inclassificáveis”. Era ainda um tempo entre o luto e o trauma, o silêncio e a crise narrativa, um tempo hesitante como todos os inícios, entre uma mitologia e uma fraseologia lusotropical de profundo enraizamento na sociedade portuguesa e um início de reflexão crítica sobre o passado colonial português e o seu final, numa dimensão comparativa e cosmopolita. Esta é a tensão que ainda hoje caracteriza a linguagem, a política e a crítica portuguesas.

Mas foi, sobretudo, na dimensão crítica e criativa trazida pelo programa *Próximo Futuro*, da Fundação Calouste Gulbenkian, com programação geral de António Pinto Ribeiro que se dá efetivamente a mudança de sinal, com o alargamento do debate sobre o pós-colonial para outros públicos e com a presença da emergência criativa e pensante do Sul, que ganhou uma visibilidade inteiramente nova. Se alguns programas desta Fundação vinham abrindo este caminho e colocando determinados temas na agenda da programação portuguesa – como em *O Estado do Mundo* (2007), sobre o pensamento contemporâneo com a importante publicação *A Urgência da Teoria* (2007)¹⁰, e com *Distância e Proximidade* (2008)¹¹, que trazia jovens artistas de diversas proveniências geográficas e culturais, no âmbito do ano do diálogo intercultural – só com *Próximo Futuro*¹² é que a escala da criação contemporânea dessas outras geografias do Sul, outrora colonizadas, desembarca em Portugal, não mais numa lógica de visualização das criações de antigos povos colonizados, mas como sujeitos culturais a trazer o debate sobre o pós-colonial e dando a possibilidade de formação e intercâmbio entre jovens artistas portugueses e africanos rumo a um futuro europeu e cosmopolita. São eles que hoje compõem, em grande parte, a cena artística portuguesa internacional relacionada com o que podemos designar genericamente, e de forma muito heterogénea, de uma pós-memória colonial de referência africana, mas que vai muito além disso.

Vidigal, *Menina limpa menina suja* (1980-2010), Centro de Arte Moderna / Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 23.07.2010 a 26.09.2010 Curadoria: Isabel Carlos.

10 Programa de 7 de Outubro a 30 de Dezembro, 2007 <https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2016/01/29202633/87-out.pdf>; Maio 2007 <https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2017/08/29202635/83-mai.pdf>; publicação *O Estado do Mundo*, Fundação Calouste Gulbenkian/Tinta-da-China, 2007 e *A Urgência da Teoria*, Fundação Calouste Gulbenkian/Tinta-da-China, 2007.

11 Programa artístico 2008, ano do diálogo intercultural. Mais informação em Newsletter, n. 94, Junho 2008, pp. 16 e 17. Acessível em: <https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2016/01/29202630/94.pdf>.

12 Para mais informações ver a página do programa <https://proximofuturo.gulbenkian.pt/proximo-futuro> e carta programática do programador geral António Pinto Ribeiro. Ver ainda Maria Manuela Restivo, “O pós-colonialismo e as instituições culturais portuguesas: o caso do programa Gulbenkian Próximo Futuro e do projeto Africa.cont”, 17 Junho 2017. Acesso a 28 de Março 2019 <http://www.buala.org/pt/a-ler/o-pos-colonialismo-e-as-instituicoes-culturais-portuguesas-o-caso-do-programa-gulbenkian-proxi>

Imagem 2 - Montagem de toldos em tecido de capulana para O Estado do Mundo | 2007|

FCG (foto de arquivo pessoal)



***Próximo Futuro* – um encontro de Portugal com o mundo para o século XXI**

Em junho de 2020 comemoramos 11 anos do início do Programa *Próximo Futuro* (2009-2015) da Fundação Calouste Gulbenkian, e a 15 de setembro o seu encerramento. Tratou-se de um programa de “cultura contemporânea dedicado em particular, mas não exclusivamente, à investigação e criação na Europa, em África, na América Latina e Caraíbas”¹³, com programação geral de António Pinto Ribeiro. De acordo com o texto inicial do Presidente da Fundação, Rui Vilar, eram objetivos fundamentais do Programa: a internacionalização; a captação da inovação do olhar político e cultural que emergia no mundo contemporâneo com o deslocamento do tradicional eixo do Norte Global, para um eixo Sul Global, onde se anunciavam outros futuros; a colocação de Portugal como plataforma de discussão sobre estes futuros, não mais pela sua história mitologicamente elaborada, mas sim “pela sua história e pela experiência recente de acolher migrantes de múltiplas origens étnicas e culturais”. Tratava-se, ainda nas palavras do Presidente Rui Vilar de, “uma especial oportunidade de desenvolver massa crítica que favoreça a compreensão dos novos fenómenos, contribua para o entendimento mútuo e beneficie das novas dimensões da interculturalidade.” (VILAR, 2009, p. 3). O que estava aqui não era apenas um vocabulário novo, ou uma recombinação de elementos e frases já existentes de outra maneira. Era a possibilidade de colocação de Portugal no mundo global emergente: o mundo saído da descolonização e das suas várias fases, mas também dos conflitos e das mobilidades contemporâneas, da revolução tecnológica, das novas cidades, e da emergência das

13 “Próximo Futuro”, *Jornal Próximo Futuro*, n. 1, Abril, 2009, contra-capá.

novas potências criativas de que a recente história da África do Sul, com o fim do Apartheid e a eleição de Nelson Mandela, era o maior exemplo, trazendo uma dinâmica libertadora e criativa sem precedentes ao continente e ao mundo que, em 2008, elegeu Barack Obama para a Casa Branca.

Estes movimentos visíveis e invisíveis, transparentes ou subterrâneos, levaram a uma nova visão sobre a presença da cultura negra no mundo, em muitos locais para além de África – onde sempre esteve, mas era invisível – e do próprio olhar sobre África finalmente descolonizado. A partir de Portugal, que de facto tinha, historicamente, aberto as portas de primeiras globalizações, e olhando o futuro, como realidade e desejo, o programa *Próximo Futuro* abria com uma interrogação. Nas palavras do seu programador-geral:

Podemos intervir no futuro, no próximo futuro? Podemos, certamente. Não no sentido de o determinar, moldar, profetizar, ou encaixar numa utopia ou numa distopia. Mas sabemos que cada um de nós incidentalmente, ou todos em conjunto, nas decisões diárias, nos actos, nos episódios, nas ficções construídas, nas actualizações do real que produzimos, estamos a interferir no futuro. E, em alguns casos, e para o futuro mais próximo, até estamos habilitados a estabelecer previsões, ou seja, a construir extensões racionalizadas do presente, representações mais ou menos optimistas conforme a avaliação que dele fazemos e conforme o desejo de intervirmos para o acautelar. O futuro existe e, apesar da imprevisibilidade e do acidente, podemos intervir para que nem tudo seja informação sem destinatário, actividade sem desejo de realização. (RIBEIRO, 2004, p. 4)

A opção de programação cultural de António Pinto Ribeiro lançada no título é clara: olhar para o futuro para fazer o presente e compreender o passado e não o seu contrário. Esta é, a meu ver, uma mudança de sinal muito evidente na programação portuguesa até então realizada que, apesar de todas as mudanças políticas, sociais e económicas trazidas pela democracia, raramente conseguiu sublimar o peso do passado e re-imaginar a sua própria realidade para se projetar na Europa e no mundo de forma cosmopolita e pós-colonial. Esta mudança de sinal está bem visível na análise que o programador fazia do mundo nestes primeiros textos: a policentralidade do mundo global, o Sul como produtor e ator artístico, económico, político e de pensamento inovador gerador de significativos pólos culturais: Dakar, Bamako, Ouazgates, Casablanca, Cairo, Addis Abeba, Maputo, Luanda, Kinshasa e, com grande centralidade, Cidade do Cabo, Joanesburgo, S. Paulo, Santiago do Chile, Buenos Aires ou Bogotá.

Neste texto inicial é traçada uma geopolítica do mundo que contemplava outras

geografias do conhecimento e da produção artística, em que não apenas as relações Norte-Sul se modificavam, como se tornavam visíveis e renovadas as relações Sul-Sul. É algo que na altura se lia como particularmente ligado à globalização, cuja densidade histórica está intrinsecamente ligada ao movimento inicial da descolonização que, a prazo, iria “provincializar a Europa” e “re-des-cobrir” a potência criativa do Sul. Nos anos 80 a América Latina iniciava multiformes processos de recuperação da democracia, e em África processos de conflito, mas também de formação e emancipação modificavam o instável continente, de que a libertação de Nelson Mandela, em 1994, foi o exemplo solar e, no mesmo ano, o Ruanda, foi o exemplo trágico (AZEVEDO-HARMAN, 2013, p. 6-11). São estes movimentos complexos, de duração e intensidades variáveis, que são intuídos neste texto programático a partir da análise da produção artística em África e na América Latina e, com ela, a identificação de novos centros, saídos dos anos 60, dos momentos das independências com o início das instituições nacionais nos novos países: universidades, com as suas escolas de arte, dança, teatro, literatura, institutos de cinema e televisão, a que se junta o momento criativo de todos os inícios. Acresce ainda que, por razões políticas dos acordos feitos entre os países africanos recém-independentes e os seus apoiantes, assim como das guerras civis que vitimaram longamente muitos países, muitos jovens africanos, essencialmente das novas elites – mas não só – fizeram a sua formação no estrangeiro, ora em países socialistas, ora mais tarde, com a queda do Muro de Berlim em 1989 e com a abertura, em países ocidentais. Estas mobilidades possibilitaram uma mistura cultural inédita e de um cosmopolitismo de alta intensidade. Praticamente pela mesma altura entrava em muitas casas africanas e da América Latina a televisão internacional, com as parabólicas que iriam preencher as paisagens africanas e latino-americanas e, com elas, a imagem do Ocidente passava a ser consumida pelas novas gerações, já distantes do facto colonial e seduzidas pela abertura, a que a eleições, ainda que muitas vezes musculadas, e o início do multipartidarismo, emprestavam um ar de crença na paz e na potencialidade da democracia como instrumento de desenvolvimento (AZEVEDO-HARMAN, 2013, p. 6-11). Em 2009, as novas gerações e as suas produções são já outra coisa e é essa criação, cujos protagonistas têm a idade dos países ou das democracias latino-americanas, que marca o *Próximo Futuro* enquanto espaço de formação, debate, produção e realização. Esse é o momento em que Portugal acerta o seu passo crítico e criativo com a Europa e com o mundo e se encontra com os continentes onde sempre esteve e que urgia re-des-cobrir.

Como bem resume um dos célebres nomes das conferências de *Próximo Futuro* no âmbito das *Grandes Lições*, Patrick Chabal, o momento é claro e novo, quando em 2015, esteve na Gulbenkian anunciando esse “próximo futuro”:

O futuro do Ocidente está estreitamente ligado ao do mundo não ocidental. As questões ambientais que o mundo enfrenta e o crescimento inexorável do poder económico da China e de outros países asiáticos fazem com que o Ocidente não possa olhar “para o que vem a seguir” da mesma forma que o fazia antes. Mas o desafio é bem mais profundo do que o atual debate sobre o “declínio do Ocidente” sugere. A minha intervenção centrar-se-á no modo como o desafio pós-colonial colocado à perspetiva que o Ocidente tem do mundo e a influência de cidadãos não ocidentais a viver no Ocidente se juntaram para evidenciar os limites daquilo a que posso chamar o racionalismo ocidental - com o que me refiro às teorias que utilizamos para entender e agir sobre o mundo. (CHABAL, 2013, p. 37)

Imagem 3 - The Honourable Justice Julia Sakardie-Mensah | 2005 |

Pieter Hugo (cortesia do artista e de Michael Stevenson, Cape Town)



Este era o momento, o longo momento que hoje estamos vivendo, e, portanto, a pergunta inicialmente colocada pelo programador-geral António Pinto Ribeiro não se esgotava na sua dimensão temporal. Era uma pergunta estética, ética e política que determinaria não apenas a metodologia de programação do *Próximo Futuro*, mas, sobretudo, o seu conteúdo, sabendo que nesse “futuro” – que é sempre uma construção elaborada a partir do presente – há sempre o lugar para ver de novo, ver outra vez e até de re-descobrir – e portanto todo o espaço para o improvisado –, no que ele sempre nos reserva de inovação e de atenção ao contemporâneo. Esta é para mim uma palavra que pode descrever este programa, na sua capacidade de combinar elementos, disciplinas, geografias e formas artísticas diferentes, ou até aparentemente sem ligação, mas cujo resultado produz algo de novo. A outra seria cosmopolitismo, que em si contém a ideia de uma mobilidade produtiva como desejável e não como um problema, definindo o Sul como um “nexo de cosmopolitismos locais e movimentos e diásporas intercontinentais.” (SIMBÃO, 2010, p. 24). Finalmente e definitivamente o *Próximo Futuro* é pós-colonial, construindo o

momento em que a partir de uma geografia europeia se reconhece que grande parte da sua história se passou fora dos limites territoriais europeus e se vai à procura dela, não nos óbvios sinais que deixou, mas do que transformou e do qual também a própria Europa terá saído transformada. *Próximo Futuro* é o momento em que Portugal e a Europa se encontram com o mundo no século XXI para gerar futuro.

A programação deste vasto e multiforme programa é ambiciosa, requereu meios financeiros consideráveis, capacidade de gestão, produção, realização, muita imaginação e inteligência emocional e negocial. Decorre de uma metodologia atenta, interdisciplinar e cuidadosa que articula dois eixos fundamentais para pensar e compreender o presente e pensar o futuro. *Próximo Futuro* tece-se a partir de uma estrutura que articula linhas de debate, pensamento e teoria nas áreas das artes, ciências sociais e humanas – de que os workshops, com participação de investigadores nacionais e estrangeiros e os ciclos das “Grandes Lições”, com grande nomes como Achille Mbembe, Elikia M’Bokolo, Homi Bhabha, Arjun Appadurai, Alan Pauls, Gayatri Spivak, Mamadou Diawara, Néstor Garcia Canclini, Ticio Escobar, Lilian Thuram, Kole Omotoso ou Patrick Chabal são exemplo – com um outro eixo, ligado à cultura artística e que traz os espetáculos de dança, teatro, música, cinema e as exposições de artes visuais. Revisitando o site e percorrendo os jornais e o blogue do *Próximo Futuro*, vemos como a cultura visual é um registo a par de outros mais tradicionais, ligados ao texto escrito e musical. Todos são fundamentalmente portadores de inovação e mediadores das variadas formas de representação dos espaços, pessoas, sensibilidades e atualidades das geografias em destaque no Programa. Todavia, não há dúvida que a enorme presença da fotografia – com espaços dedicados à divulgação dos Encontros de Fotografia de Bamako, do fotógrafo sul-africano Pieter Hugo, ou da moderna fotografia brasileira – e das artes visuais em geral com a sua capacidade imediata de produção de imagem e de imaginários mudou o olhar sobre estes espaços para a maioria do público. Finalmente, um outro aspeto que me parece muito importante na conjugação de todas estas pessoas e espaços de reflexão e criação que este Programa promoveu foi a capacidade de produção e realização de múltiplas obras artísticas, teóricas e literárias para o próprio Programa, o que permitiu a um conjunto de pensadores, investigadores e artistas jovens pensar e realizar, a partir do seu lugar, uma obra capaz de participar numa plataforma de criação e diálogo nova como foi a proposta de *Próximo Futuro*. Este movimento de cruzamento e produção de conhecimentos vários com a participação de jovens artistas – que não estariam decerto habituados a trabalhar para instituições como a Fundação Gulbenkian –, a ocupação de espaços menos esperados do edificado da Fundação, como a garagem para os bailes e concertos, das zonas exteriores, como os jardins, e mesmo de outros espaços na cidade de Lisboa, criaram uma zona de diálogo, intervenção e fruição capaz de atrair outros públicos e de viver em pleno a possibilidade da democracia pela arte, e da interculturalidade como um desafio e não como uma ameaça, e, portanto, como possibilidade de um *próximo futuro*.

Pelos espaços de consumo de arte e cultura, e de formação e criação que teve, o Programa marcou definitivamente as artes contemporâneas de que hoje vemos os resultados: internacionalização, diálogo e alinhamentos dos temas destes espaços e geografias na agenda artística internacional, assim como a presença assídua de muitos destes pensadores, artistas e escritores na cena cultural contemporânea europeia e mundial. Como refere António Pinto Ribeiro no balanço que faz do Programa em 2011, ou seja, após três anos do *Próximo Futuro* “o conhecimento e o confronto com estes protagonistas originários de África e da América Latina permitiu-nos, a todos, alargar os horizontes e melhor entender o mundo.” (RIBEIRO, 2011, p. 5).

Assim, a pergunta inicial, não enunciada, mas que subjaz à programação – como entender, no Ocidente, as artes não ocidentais para além do paradigma saído do mundo colonial? – tinha obtido respostas. Deste modo, um dos grandes desafios metodológicos e éticos deste Programa e, de certa forma, a grande mudança que introduzia, tinha-se cumprido. A primeira metodologia era mostrar as obras e os seus protagonistas não como africanos ou como latino-americanos, mas como artistas, pensadores e produtores de conhecimento. A segunda era captar as obras – nas artes visuais, performativas, no cinema, na literatura e na música – capazes de fazer o trânsito entre um olhar europeu residente, e ainda colonial, de percepção destes espaços e sujeitos e a novidade, o chique urbano, cosmopolita e moderno de artistas latino-americanos, africanos ou de ascendência africana, colocados eles próprios entre uma afirmação política de diferenças das sociedades do Norte e uma ansiedade celebratória das suas sociedades à procura de si mesmas e em intenso processo de recriação e descolonização. Para além da qualidade indiscutível das obras e curadorias que compuseram o Programa, e não sendo uma programação temática, os temas deram-lhe a forma e construíram as âncoras para esta nova navegação: fronteiras, identidades, memórias, cidades, mobilidades, migrações, resistências, crises, novas economias de produção, zonas de contato foram temas que, pela interpelação que lançaram e que ainda hoje nos interrogam, marcaram um novo olhar sobre estes espaços.

E qual foi a experiência deste olhar? Entre outras, a capacidade de entender melhor o mundo, que explica, por exemplo, o fascínio e a aptidão de, perante um momento de revolução e novidade tão grande como foram as designadas “Primaveras Árabes” nos países do Magreb, o *Próximo Futuro* teve a capacidade de revolucionar a sua programação lançando-se para outro universo e dar resposta, através de uma programação exaustiva, a esta demanda de possibilidade de entendimento do que se estava efetivamente a passar naquela parte do globo, simultaneamente tão próxima e tão longínqua da Europa ocidental. Também aqui era fundamental entender e desfazer estereótipos com a espessura de séculos, e era essencial lidar com o grande fantasma do Ocidente – o Islão¹⁴. Finalmente, a tradução para português do belo poema “Casa”, de Warsan Shire (2010), que parece uma explicação-diálogo com o Ocidente do drama dos refugiados, mostrava já como o tema do Oriente e do Magreb teria de ser contemplado num

14 Sobre isto ver Bauman, 2004.

programa com a ambição de olhar o contemporâneo como o *Próximo Futuro*. Neste ano de 2012 são dadas atenção e hospitalidade à criação contemporânea do Magreb, e o observatório é dedicado ao design e à moda no Magreb, à literatura e ao pensamento, ao cinema e à música. A mobilidade destes artistas concretiza-se, em grande medida para a Europa e em particular para o sul de França, num movimento esperado e que hoje marca definitivamente a cena artística e literária francesa, mas que também encontrou neste Programa, em Portugal, um espaço de divulgação das suas histórias, ansiedades e sonhos numa altura de ruptura com um passado opressivo e um futuro incerto e potencialmente problemático¹⁵.

Imagem 4 - da série Tunisian Revolution | 2011 | Ons Abid (cortesia da artista)



De 2013 a 2015, o Programa entra numa outra fase, a fase das grandes reflexões. A edição de 2013 começa com a declaração definitiva e perturbadora proferida pelo bispo sul-africano e Prémio Nobel da Paz, Desmond Tutu, “Lamento dizer-vos mas somos todos africanos”, aquando da sua conferência na Fundação sobre a paz no mundo e o desenvolvimento sustentável. Criador de um dos mecanismos mais produtivos, democráticos e humanos de justiça pós-conflito – as Comissões de Verdade e Reconciliação da África do Sul, reproduzidas em muitos outros países africanos e latino-americanos –, Desmond Tutu falava, a partir de Lisboa, ao coração de todos os europeus. Falava não apenas da revolução que esta afirmação trazia às suas narrativas tão pouco questionadas, mas à sua própria humanidade, vinda de África. Desmond Tutu introduzia assim o tema do desenvolvimento sustentável pelo viés da história e do poder da narrativa. Apelava a responsabilidades históricas e éticas dos europeus, não apenas no sentido de pensar mecanismos de restituição e cooperação, mas, sobretudo, no sentido contemporâneo de capacidade de audição dos outros e das suas narrativas, por forma a garantir que situações que provocaram discriminação, inferiorização, racismo, exploração e

¹⁵ O Programa voltaria a esta temática na última edição de 2015, em que se analisava o que tinha sido o processo histórico das “Primaveras Árabes”, chamando alguns dos protagonistas que tinham estado presentes em 2011.

destruição de pessoas e de civilizações não se repetissem num futuro que se quer sustentável para a toda a humanidade. Sustentável, portanto, não apenas no sentido económico, político, social e ecológico, mas também cultural, ou seja, filosófico, psicológico e simbólico. Esse era, na perspetiva de Desmond Tutu, o compromisso para o *Próximo Futuro* do antigo continente colonizador que foi a Europa, clarificando assim o que a atual Presidente da Fundação, Isabel Mota, tinha enunciado no seu texto inicial do número 13 do jornal do *Próximo Futuro*, quando falava de “representações pouco claras” e “clichés” que dominavam as representações e, com elas, as relações entre Europa e África (MOTA, 2013, p. 3).

É a partir desta afirmação que o Programa vai fazer uma mostra de África sem precedentes, focando-se nas mais variadas áreas artísticas – cinema, música e teatro– e dando uma enorme atenção à cultura visual, através da mostra de parte da 9ª edição dos “Encontros de Fotografia de Bamako”¹⁶, sob o tema “Para um mundo sustentável” e da exposição *Present Tense*¹⁷, com curadoria de António Pinto Ribeiro. Esta exposição apresentou, no seu conjunto, trabalhos de fotógrafos do sul de África como Délio Jasse, Dillon Marsh, Filipe Branquinho, Guy Tillim, Jo Ractliffe, Kiluanji Kia Henda, Mack Magagane, Malala Andrialavidrazana, Mauro Pinto, Paul Samuels, Sabelo Mlangeni, Sammy Baloji, Tsvangirayi Mukwazhi e Pieter Hugo, a quem é dedicado também o número 15 do jornal *Próximo Futuro*, (Março 2014), com a exposição internacional “Este é o lugar”¹⁸. Coloco aqui todos estes nomes de artistas visuais, a que poderia juntar outros, como Kader Attia, Ayana Jackson, Zined Sedira, Neïl Beloufa, Mohamed Bourouissa, Katia Kameli, Nu Barreto, Pauliana Valente Pimentel, Mónica Miranda, Ana Vidigal, Francisco Vidal, Nuno Nunes-Ferreira, Tatiana Macedo, pois são eles que hoje preenchem a vanguarda significativa da cena artística europeia e internacional. Com a sua sensibilidade, as suas imagens, mas também a sua coragem e exposição, estes artistas contribuíram para a mudança de imaginário europeu sobre África e o Magreb no Ocidente, mostrando-nos o seu presente e daqueles que com eles vivem, trabalham, lutam e amam no dia a dia neste imenso e diverso lugar a que chamamos África, composto de tantas Áfricas. Quando hoje, no âmbito do projeto *Memoirs: Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias*¹⁹, procuro estes outros olhares sobre as antigas colónias europeias e sobre a Europa e, em 2018, vejo Délio Jasse no Maxxi (Museu de Arte Contemporânea, em Roma) e Kiluanji Kia Henda²⁰.

16 Ver também Encarte 9 *Encontros de Fotografia de Bamako*, com o significativo tema “Fronteiras”, 13 de Maio a 28 de Agosto, 2011.

17 “Present Tense. Fotografias do Sul de África”, Fundação Calouste Gulbenkian – Próximo Futuro, 18 setembro – 14 dezembro, 2013. Catálogo com textos de António Pinto Ribeiro, Artur Santos Silva, Isabel Mota et Patricia Hayes.

18 “Pieter Hugo: Este é o Lugar | This Must Be The Place”, Curador: Wim van Sinderen, Fundação Calouste Gulbenkian – Próximo Futuro, 28 Março a 1 de Junho, 2014.

19 *MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-memórias Europeias* é um projeto financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação (ERC) no quadro do Horizonte 2020, programa para a investigação e inovação da União Europeia (contrato n.º 648624) que decorre no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Mais informação: <http://memoirs.ces.uc.pt/>

20 Entre muitos outros artistas em “African Metropolis. Una città immaginaria”, Curadoria: Simon Njami, co-curadora Elena Motisi, Maxxi: Museo Nazionale delle arti del XXI secolo, Roma, 22 Junho a 4 de Novembro, 2018.

Vejo em grande plano, a fotografia “Rochers carrés” (2009)²¹, hoje tão sensorialmente atual com aqueles miúdos nos blocos de concreto em Argel olhando o Mediterrâneo de costas para nós, e que anuncia a grande exposição de Kader Attia, na Hayward Gallery, “The Museum of Emotion”, tendo antes visto em Lisboa, no mesmo ano, na Culturgest, “As raízes também se criam no betão”, também de Kader Attia²². Em Paris, vejo no Centro George Pompidou Mohamed Bourouissa, como Prémio Marcel Duchamp 2018²³, e, ao lado, na galeria Nathalie Obadia, encontro a primeira exposição individual de Nu Barreto em Paris, *Africa: Renversante, renversée*²⁴. Vejo Sammy Baloji no renovado Africa Museum, em Tervuren, na Bélgica e em Portugal²⁵. E lembro-me que já os tinha visto a todos na Fundação Calouste Gulbenkian nas atividades do *Próximo Futuro*. Reconheço Lisboa como uma capital europeia, orgulho-me que Portugal seja um país importante nas rotas artísticas de todos estes inovadores artistas e nos seus imaginários, e percebo o impacto internacional do Programa *Próximo Futuro* na cena artística contemporânea. Aqui estão eles hoje compondo o nosso presente, no que entre 2009-2015 era o *Próximo Futuro*, e este exercício breve que acabo de fazer relativo às artes visuais é válido para todas as outras formas de expressão artística do Programa.

2014 e 2015 caracteriza-se por uma programação marcada por um grande olhar sobre a América Latina, sempre presente das mais variadas formas, mas em que gostaria de destacar a excelência da constante presença do teatro, com a mais importante mostra de teatro sul-americano contemporâneo na Europa, com a estreia de vários encenadores de renome como Guillermo Calderón, ou na dança de Tamara Cubas, a coreógrafa uruguaia que mais tem questionado as relações coloniais que permanecem na América Latina e o epistemicídio das culturas indígenas, ou ainda da argentina Lola Arias, como exemplo do teatro de excelência que se faz na América Latina sobre a herança das ditaduras e os questionamentos das gerações seguintes²⁶. Nas “Grandes Lições”, o pensamento de Walter Mignolo em “As mutações da colonialidade e a atual desordem mundial”, anunciava o fim do Ocidente como realidade a partir da ideia da incapacidade de controle do Ocidente do binómio em que tinha assente a sua primazia: modernidade e colonialismo. *Modernidades: Fotografia Brasileira (1940-1964)*, que compõe o jornal número 17, mostra esta mudança de sinal, destacada por Mignolo, não a

21 Kader Attia, “Rochers carrés”, publicada em *Encarte 9 Encontros de Fotografia de Bamako -Fronteiras*, 13 de Maio a 28 de Agosto, 2011, p. 5.

22 Kader Attia, “As Raízes também se criam no betão”, Curadoria: Delfim Sardo, Culturgest, Lisboa, 20 de Outubro 2018 a 6 de Janeiro 2019; “Kader Attia: The museum of emotion”, Hayward Gallery, Londres, 13 de Fevereiro a 6 de Maio, 2019.

23 Mohamed Bourouissa, « Le Murmure des Fantômes », 2018. Prix Marcel Duchamp 2018 (com Clément Cogitore, Thu-Van Tran, Marie Voignier, Centre Pompidou, Paris, 10 de Outubro a 31 de Dezembro, 2018.

24 Nu Barreto, “Africa: Renversante, renversée”, Galerie Nathalie Obadia, Paris, 8 de Novembro a 29 Dezembro, 2018.

25 Sammy Baloji & Filip De Boeck, “Urban Now: city life in Congo”, Curadoria: Devrim Bayar, Galeria Av. da Índia, 24 março a 17 junho 2018; Conversa com Sammy Baloji & Filip De Boeck “Urban Realignments: ethnographic and artistic ventures into Congo’s cityscapes”, Hangar – Centro de Investigação Artística, Lisboa, 24 de Março, 2018.

26 Lola Arias, “El Año en que nació”, (Chile/Argentina), 7 e 8 Julho, 2012 ver jornal *Próximo Futuro*, Junho/ Julho, 2012, n. 10, p. 45.

partir da Europa, mas a partir do Brasil²⁷. Como continuar a ter como metrópole mental uma Europa em ruínas no pós-guerra, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos afirmavam a sua modernidade e primazia e o Brasil levava a cabo um processo de modernização único, com a chegada de milhares de imigrantes, e com eles de ideias, trabalho, riqueza, e a reflexão intelectual que levou às primeiras grandes sínteses de que a Semana de Arte Moderna de 1922 é um início, seguida das obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido e toda a revolução artística que foram os modernismos brasileiros nas mais variadas áreas? É esta interrogação multiforme sobre este tão diverso continente que vai gerar o espírito de síntese da última programação do *Próximo Futuro* “Zonas de Contacto” e, a prazo, como hoje nos é possível ver, aquilo que seria a retaguarda conceptual do *Passado e Presente – Lisboa Capital Ibero-Americana de Cultura* em 2017, cuja coordenação geral foi de António Pinto Ribeiro.

“Zonas de contacto”, expressão tão cara aos estudos pós-coloniais para designar áreas de fronteira e de interação social, política, linguística, geográfica é o tema que vai fechar a programação de *Próximo Futuro*. Mediterrâneo, desde a Grécia a Argélia e Marrocos, e América Central são as regiões geográficas de fronteira e de contato em destaque com a festa do pensamento e das literaturas destas áreas, a par de uma extraordinária mostra de teatro, de que destaque “Vou lá Visitar Pastores”, encenado e interpretado por Manuel Wiborg, a partir do texto de Ruy Duarte de Carvalho²⁸. *Vou Lá Visitar Pastores* é, nas palavras do programador-geral, uma “espécie de obra-mundo”, a olhar para o mundo a partir do grande território angolano (GUARDÃO, 2015). Outra “espécie de obra-mundo” da produção do *Próximo Futuro* que destaque são *As Confissões Verdadeiras de um Terrorista Albino*, de Breyten Breytenbach, com encenação de Rogério Carvalho. Escrito por um preso sul-africano, a partir da memória do escasso território da prisão sul-africana do Apartheid em luta em nome da liberdade e de um ideal de igualdade racial, *As Confissões Verdadeiras de um Terrorista Albino* constituem uma marca de humanismo para o nosso tempo em que os discursos do ódio, do racismo e da xenofobia ganham o terreno político da desumanidade, cujo combate deve ser um combate diário, como nos mostra noutro contexto o trabalho cívico do ex-campeão mundial de futebol, Lilian Thuram e da sua Fundação empenhada na luta contra o racismo através da educação²⁹.

27 Refiro-me à exposição “Modernidades: Fotografia Brasileira (1940-1964)” dedicada à formação da fotografia moderna no Brasil, a partir de quatro grandes nomes: Marcel Gautherot (1910-1996), José Medeiros (1921-1990), Thomaz Farkas (1924-2011) e Hans Gunter Flieg (1923), cujos acervos estão no Instituto Moreira Salles, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Cf. jornal *Próximo Futuro*, n. 17, Fevereiro, 2015.

28 *Vou lá Visitar Pastores*, de Ruy Duarte de Carvalho foi encenado por Manuel Wiborg para a Culturgest, em 2003. Passados 40 anos da independência de Angola e 12 desta encenação e no âmbito de uma grande mostra de teatro do *Próximo Futuro*, foi reapresentada em Setembro de 2015 no Anfiteatro ao ar livre da Fundação. Cf. jornal *Próximo Futuro*, n. 19, Junho/ Setembro, 2015, p. 39.

29 Sobre esta peça ver Jornal *Próximo Futuro*, n. 16, Junho/ Setembro 2014, p. 36. Lilian Thuram, “Fundação Lilian Thuram, Educação contra o Racismo”, ver Jornal *Próximo Futuro*, n. 11, Outubro/ Novembro, 2012, p. 25. Esta programação foi reativada pelo projeto *Memoirs- Filhos de Império e Pós- Memórias Europeias* (ERC n. nº 648624) com Lilian Thuram de 25 a 29 de Novembro em Coimbra e em Lisboa e com a peça *As Confissões Verdadeiras de um Terrorista Albino*, na Bienal de Marselha, 15 a 20 de Outubro de 2020.

Próximo Futuro termina abrindo para o futuro: piscando o olho à Europa e ao seu eurocentrismo que pouco tem considerado a banda desenhada, o género policial, a ficção científica ou o cinema de animação africanos e latino-americanos³⁰; lançando o desafio dos museus e as exposições virtuais de que o projeto-exposição *Unplace, Arte em Rede: Lugares-entre-Lugares* é exemplo e experiência³¹; lançando a ideia das zonas de contato como espaços de ideias, áreas de conhecimento, pessoas e artefactos em mobilidade e em exercício de liberdade de pensamento e criação em trânsitos transnacionais e transterritoriais, e assim se opondo radicalmente às paisagens fronteiriças que hoje vemos quotidianamente em imagens de sofrimento, dor e exclusão de tantos que, no México, tentam passar a fronteira para os Estados Unidos, de tantos que, tentando atravessar o Mediterrâneo, morrem à porta da Europa, a porta a que batem fugindo da guerra, do subdesenvolvimento, da pobreza e que é simultaneamente a imagem de uma história que nos bate à porta, a nós europeus.

Como disse logo de início, *Próximo Futuro* é único pela escala, pelos meios que mobiliza, pelo compromisso ético da estética que o enforma, pelo cosmopolitismo, mas ancora-se numa instituição e numa programação anterior, marcada pela preparação e internacionalização de artistas, com o “Programa Gulbenkian de Criatividade e Criação”, coordenado por António Pinto Ribeiro e Catarina Vaz Pinto³², e pela reflexão e análise substantiva do contemporâneo realizada em *O Estado do Mundo*, onde se caracterizava a profundidade do momento, não como ameaça, mas como desafio:

Este Estado do Mundo é concebido como um lugar de desafio ao futuro, um lugar de problematização da produção cultural, do que parece evidente sem o ser, de crítica a uma aceitação passiva do mercado da cultura num só sentido, um lugar de eleição de temas e de problemas emergentes na actualidade, eventualmente ainda inomináveis, um lugar de emergência do novo cultural a partir da discussão, em plataformas, de problemas culturais e da apresentação de um programa complementar de espectáculos, de exposições e de cinema como casos exemplares do Estado do Mundo actual. (RIBEIRO, 2007, p. 13).

O *Próximo Futuro* foi o cumprimento desse desafio, o espaço de reconhecimento da interlocução e da comunicação que permitiu a cada um contar a sua história a partir do seu lugar e do seu modo de expressão, e a partir daí tocar o mundo. Deixa para todos os que nele participaram, em Lisboa e fora de Lisboa, e no registro dos inúmeros materiais que produziu (website, jornais, blogue, livros, filmes, peças de teatro, catálogos, etc.) uma nova representação

30 Ver jornal *Próximo Futuro*, Maio, 2015, n. 18.

31 “Unplace, Arte em Rede: Lugares-entre-Lugares” reúne trabalhos de Internet Art e de web-specific de artistas nacionais e estrangeiros, com curadoria de António Pinto Ribeiro e Rita Xavier Monteiro. Consultar <https://proximofuturo.gulbenkian.pt/blog/exposicao-unplace-arte-em-rede-lugares-entre-lugares-ate-19-de-novembro>

32 Ver a análise dos coordenadores do programa em <https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2016/01/29202629/99.pdf>

de África e da América Latina, uma nova proposta para pensar o lugar cultural da Europa, lança outro modo de fazer programação, e constitui Lisboa como um palco internacional da cultura contemporânea do século XXI.

Imagem 5 - Evento Grandes Lições dentro de um tótem | 2014 |

Arquitetos Tiago Rebelo de Andrade e Diogo Ramalho (foto de arquivo pessoal)



A partir do *Próximo Futuro* entendemos que os eixos Norte-Sul e Sul-Sul são compostos de mobilidade e cosmopolitismo e que o seu diálogo é essencial para traçar uma cartografia do pensamento e da arte contemporânea do século XXI. Não se trata de um descentramento do mundo, mas antes de um recentramento policêntrico em que a horizontalidade se praticará em detrimento da verticalidade que dividiu o mundo e a sua organização territorial, política, económica e social entre metrópoles e colónias. Não se trata, também, de uma moda ou uma resposta contextual, mas de uma realidade que está diante dos nossos olhos e que questiona na sua essência os movimentos nacionalistas identitários, de reterritorialização e de fechamento que ciclicamente ganham expressão política na Europa, e que também levaram ao fechamento de muitos países africanos nas suas jovens independências, martirizados por guerras e animados por revoluções, de que rapidamente ficaram órfãos (ANSTEE, 1997)³³.

Bandung, em 1955, mostrou ao mundo os novos atores políticos a discutir o *Próximo Futuro* do mundo fora da Europa, lançando uma lógica de discussão horizontal contra a verticalidade imposta. Hoje o discurso artístico contemporâneo exige-nos simultaneamente memória desta história e futuro. O que o *Próximo Futuro* deixa acima de tudo em Portugal e na Europa é uma descolonização dos imaginários pela arte que nos mostra que não há humanidades separadas, e que o século XXI será asiático, africano, europeu, americano na justa medida que assim tenhamos e construamos as hipóteses de o decidirmos, iluminados pela arte, com o seu poder de nos dizer quem somos, como pessoas e como comunidade, com o seu poder de nos inquietar, de nos interpelar e de nos fazer sonhar.

33 Evoco aqui o título do livro de Anstee, 1997. *Orfão da guerra fria: radiografia do colapso do processo de paz angolano: 1992/93*.

Imagem 6 - The Night of the Long Knives, III | 2014 |
Athi Patra Ruga (cortesia do artista e da Whathittheworld Gallery)



Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

ANSTEE, Margaret Joan. **Orfão da guerra fria: radiografia do colapso do processo de paz angolano: 1992/93**. Porto: Campo das Letras, 1997.

AZEVEDO-HARMAN, Elisabete. A Longa Primavera Africana. *Jornal Próximo Futuro*, n. 13, Junho-Julho, 2013, pp. 6-11.

BAUMAN, Zygmunt. **Europa – uma aventura inacabada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BETHENCOURT, Francisco, Chaudhuri, Kirti (dir.). **História da Expansão Portuguesa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.

CHABAL, Patrick. Racionalismo ocidental depois do pós-colonialismo. In: António Pinto Ribeiro (org.). **Grandes Lições**, vol 1, Fundação Calouste Gulbenkian/ Próximo Futuro & Tinta da China, 2013, pp. 37-57.

GUARDÃO, Maria João. Era uma vez o (Próximo) Futuro – entrevista a António Pinto Ribeiro, **Diário de Notícias**, 4 Setembro, 2015 <https://www.dn.pt/artes/interior/era-uma-vez-o-proximo-futuro--4760703.html>

LOURENÇO, Eduardo. Situação Africana e Consciência Nacional. In: Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi (orgs.). **Do Colonialismo como o Nosso Impensado**. Lisboa: Gradiva, 2014, p. 109-155.

_____. **O Labirinto da Saudade** – Psicanálise Mítica do Destino Português. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1978.

_____. **Nós e a Europa ou as Duas Razões**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

_____. **A Europa Desencantada** – Para uma Mitologia Europeia. Lisboa: Visão, 1994.

_____. **Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade**. Lisboa: Gradiva, 1999.

_____. **A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia**. Lisboa: Gradiva, 1999.

_____. **A Morte de Colombo: metamorfose e fim do Ocidente como mito**. Lisboa: Gradiva, 2005.

_____. A morte de Colombo. In: Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi (orgs.). **Do Colonialismo como o Nosso Impensado**. Lisboa: Gradiva, 2014, p. 328-338.

MOTA, Isabel. A sul de África. **Próximo Futuro**, n. 13, Junho/ Julho, 2013, p. 3.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, António Pinto (org.). **O Estado do Mundo**. Fundação Calouste Gulbenkian/ Tinta-da-China, 2007.

_____. **A Urgência da Teoria**. Fundação Calouste Gulbenkian/ Tinta-da-China, 2007.

_____. Proposição. In: António Pinto Ribeiro (org.) **O Estado do Mundo**. Fundação Calouste Gulbenkian/ Tinta-da-China, 2007, p. 13.

_____. Próximo Futuro. **Jornal Próximo Futuro**, n. 1, Abril, 2009, p. 4.

_____. *Próximo Futuro* três anos. **Jornal Próximo Futuro**, n. 7, Maio, 2011, p. 5.

_____. Lamento dizer-vos mas somos todos africanos. **Jornal Próximo Futuro**, n. 13, Junho/ Julho, 2013, p. 4-5.

RIBEIRO, Margarida Calafate e Ferreira, Ana Paula (org.). **Fantasma e Fantasias Imperiais no Imaginário Português Contemporâneo**. Porto: Campo das Letras, 2003.

SIMBÃO, Ruth. O Afropolitano: novas geografias na arte africana contemporânea. *Jornal Próximo Futuro*, n. 4, Maio, 2010, p. 24.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. Porto: Afrontamento, 1994.

_____. Entre Prospero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: Maria Irene Ramalho, António Sousa Ribeiro (org.). **Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade**. Porto: Edições Afrontamento, 2002. pp. 23-85.

SHIRE, Warsan. Home. *Jornal Próximo Futuro*, n. 5, Novembro, 2010, p. 20. (Tradução para português de Livia Apa).

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **The Career and Legend of Vasco da Gama**. Cambridge University Press, 1997.

VILAR, Rui. Programa Gulbenkian – Próximo Futuro. *Jornal Próximo Futuro*, n. 1, Abril, 2009, p. 3.

Outras fontes:

Site do Programa Próximo Futuro, Fundação Calouste Gulbenkian

<https://proximofuturo.gulbenkian.pt/>

19 números do *Jornal Próximo Futuro*

<https://proximofuturo.gulbenkian.pt/jornal>